

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Acolhimento à brasileira

**Percepção dos imigrantes negros sobre o
Brasil imaginado e o Brasil real**

Ana Caroline Bueno de Camargo

Abril de 2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em *Mídia, Informação e Cultura* sob orientação do(a) Prof. Dr. Ricardo Alexino.

ACOLHIMENTO À BRASILEIRA: PERCEPÇÃO DOS IMIGRANTES NEGROS SOBRE O BRASIL IMAGINADO E O BRASIL REAL¹

Ana Caroline Bueno de Camargo²

RESUMO

Para entender e humanizar os refugiados, resolvi fazer entrevistas biográficas com quatro pessoas, sendo três haitianos e um africano. O objetivo era saber como viviam, como foram recebidos e quais circunstâncias os fizeram deixar seus países de origem, e o que esperavam encontrar no Brasil. O recorte de ouvir refugiados negros foi para avaliar como o estrangeiro negro enfrenta a questão do racismo, visto que o Brasil é um país que maltrata seus próprios negros, quais foram (e são) os enfrentamentos desses refugiados?

Nesse cenário, quatro personagens, com realidades distintas, dividem experiências semelhantes, como falta de trabalho, saudade de suas origens e familiares e anseios por uma vida melhor.

A situação do refúgio é atualíssima no mundo todo, segundo relatório do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) “Tendências Globais” (*Global Trends*), que registra o deslocamento forçado ao redor do mundo com base em dados dos governos e das agências, aponta que 65,3 milhões de pessoas estão deslocadas. Número equivalente à população da França. No Brasil, o indivíduo que está em situação de refúgio ainda é invisível, pouco se sabe sobre essas pessoas, o que constam são dados e gráficos, mas e o ser humano atrás dos números? Meu propósito foi descortinar o humano atrás dessa circunstância.

Palavras-chave: Refugiados; Enfrentamento; Humanização; Direitos Humanos.

ABSTRACT

In order to understand and humanize the refugees, I decided to interview four people about their lives: three from Haiti and one from Africa. The purpose was to know how they lived in their countries, how they were received in Brazil, which circumstances forced them leave their birthplaces and what they hoped to find in Brazil. We chose listening to black refugees to assess how these foreigners face racism in Brazil, since this is a country that mistreats its own black people. Therefore what were (and still are) the struggles these refugees have to deal with? In this scenario, four characters with different realities share similar experiences, such as lack of job, homesickness and longing for a better life. The refugee situation is very current all around the world, according to the report by UNHCR (United Nations High Commissioner for Refugees) “Global

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em *Mídia, Informação e Cultura*.

² Pós-graduado em *Mídia, Informação e Cultura*.

Trends”, which tracks forced displacement around the world based on data from governments and agencies. It points out that 65.3 million people are displaced, which is equivalent to the population of France. In Brazil, the individual who is in a situation of refuge is still invisible, for there is not much information about them other than data and graphs. But what about the human beings beyond the numbers? My purpose was to show up the human behind this circumstance.

Key words: Refugees; coping; humanization; human rights.

RESUMEN

Para entender y humanizar los refugiados, hice entrevistas biográficas con cuatro personas, siendo tres Haitianos y uno Africano. Con objetivo de investigar cómo vivían, como fueron recibidos y por qué dejaron sus países de origen, además lo que esperaban encontrar en Brasil. La propuesta de oí los refugiados negros justamente de observar y entender como el extranjero negro enfrenta la cuestión del racismo en Brasil, sabiendo que este es un país que maltrata sus propios hijos afro-brasileños. Cuales fueron (y son) los enfrentamientos de esos inmigrantes. Por lo tanto, en esta realidad, cuatro personajes, con situaciones distintas, comparten experiencias semejantes, como la falta de trabajo, el extrañamiento de sus orígenes y de los familiares, y sus expectativas por una vida mejor. El tema de refugio es muy actual en todo el mundo, según relatoría de ACNUR (Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados) “Tendencias Globales” (Global Trends), que con base en datos de los gobiernos y agencias, registra las inmigraciones forzadas alrededor del mundo, y apunta que 65, 3 millones de personas están dislocada, cantidad equivalente a la población de Francia. En Brasil, lo individuo que vive esta situación de refugio, todavía es invisible, no es posible tener conocimiento de casi nada de esas personas, hay solamente datos de gráficos, pero ¿y lo ser humano por detrás de los números? Mi propósito fue mirar estas personas que están por detrás de las circunstancias.

Palabras clave: Refugiados; Humanización; Afrontamiento; Derechos humanos.

1. Ponto de partida

Geralmente, quando se fala de pessoas em situação de refúgio, pensa-se mais em dados estatísticos do que propriamente nas pessoas, nos seres humanos que vivem essa circunstância. Resolvi, então, percorrer o caminho inverso. A partir das pessoas, tentar entender como se dá a questão

do refúgio. Para isso, decidi fazer o recorte dos refugiados negros que chegam ao Brasil e se estabelecem em São Paulo, vindos da África e do Haiti.

Essa história começou com a busca por centros de recepção e acolhimento em São Paulo. Quis verificar como acontece essa chegada por meios “oficiais”. A dificuldade em contatá-los foi grande. Inicialmente, entrei em contato com a Missão Paz e a Cátedra, ambas vinculadas à Igreja Católica. Na Missão, depois de frustradas tentativas de agendamento de entrevista, porque, até então, tinha em mente a ilusão de que bastaria ligar, explicar meu propósito acadêmico e prontamente seria atendida por um voluntário altruísta que me passaria as coordenadas de data e horário. Primeira lição: ninguém naquela casa poderia fazê-lo. Entre os poucos funcionários disponíveis todos se desdobram em multifunções para dar conta das demandas diárias de fluxo intenso de trabalho. E os voluntários que auxiliavam ali eram também direcionados às tarefas eminentes. Não havia desorganização, pelo contrário, o trabalho fluía, dentro de suas limitações, mas fluía organizadamente.

Na terceira tentativa, fui encaminhada ao setor acadêmico da Missão Paz, destinado aos pesquisadores do fenômeno da migração. Lá, informaram-me que, por questões de segurança, e para preservar o bem-estar dos que ali se abrigam, a instituição não intermediava os contatos, prezando por manter a espontaneidade de todos, portanto, a abordagem deveria ser feita por mim, para que eles não se sentissem obrigados a atender a todas as solicitações, visto que, se alguém da Missão os solicitasse, por gratidão, tenderiam a aceitar, mesmo contra as suas vontades.

Sabendo disso, caiu por terra o primeiro planejamento, e veio à tona a percepção de que estaria adentrando em um espaço mais complexo do que imaginava e que as pesquisas que havia feito como lição de casa eram insuficientes e superficiais. A partir daí, o protocolo era agendar uma visita para conhecer o espaço, os processos de acolhida e o trabalho da casa como condição para que o departamento emitisse um documento timbrado para que eu fosse autorizada a transitar no pátio do local, e que após a conclusão deste trabalho eu deveria devolvê-lo aos responsáveis. Essa medida foi adotada para a segurança dos abrigados, porque havia ali, não tão esporádico, o risco de

aliciamento de refugiados para o trabalho escravo. Pessoas mal-intencionadas faziam uso da vulnerabilidade desses imigrantes e ofereciam “trabalho”, sem nenhum constrangimento. Após a direção identificar os riscos a que todos estavam expostos, passaram então a adotar medidas mais restritivas.

Nos espaços de acolhida

Embora o Brasil sempre tenha sido o destino de muitos imigrantes, basta recorrermos a história para constatarmos as origens e influências de diversos povos e etnias que, ao longo do tempo, se responsabilizaram em mesclar as populações de todo o território. O país, entretanto, não desenvolveu medidas mais eficientes e humanizadas para atender a essa demanda que, atualmente, não se trata apenas de uma questão exclusiva do Brasil, já que o mundo todo está sendo obrigado a rever seus formatos de recepção e aceitação do estrangeiro.

Nos últimos anos, principalmente a partir de 2010, houve um salto significativo no número de imigrantes que vieram para o Brasil, segundo dados do Conare/MJ 2016). O país se tornou o destino de pessoas em situação de refúgio, embora seja uma questão de circunstância, não uma definição humana. Essas pessoas se deslocam em busca de sobrevivência, basicamente.

Desde as primeiras visitas, procurei apenas observar de longe como se dava a dinâmica do lugar. Alguns grupos de imigrantes que tendiam a se aproximarem de acordo com suas nacionalidades. O movimento do pátio, principal local de acesso que eu dispunha para as entrevistas, variava de acordo com o dia. Às terças, quartas e quintas-feiras, das 14h00 às 16h00, eram os períodos mais movimentados, porque nesses dias a instituição oferecia cursos e palestras sobre diversos temas e, também, eram nesses dias que as assistentes sociais apresentavam as ofertas de trabalho que haviam conseguido. O trânsito de pessoas não se limitava aos 110 residentes da Missão, outros imigrantes também frequentavam a casa nesse período com os

mesmos objetivos: instruírem-se quanto a cultura local e conseguir um emprego.

Foi em uma terça-feira, que, nas escadarias em frente à igreja, conheci os primeiros personagens: Luís e Bangala. Na verdade, dada as circunstâncias, não foi bem eu que os escolhi, mas eles acabaram por escolher dar atenção a uma desconhecida.

Há um fenômeno que acontece durante as entrevistas. Enquanto o gravador está ligado, o entrevistado tende a resumir os fatos. Mas é no momento em que se desliga o aparelho que as melhores histórias surgem. É como se tirassem dos ombros o peso da “formalidade”.

Luís Chala

Haitiano, 28 anos de idade. Quando perguntei sua data de nascimento, ele não soube dizer. Embora aparentasse ter mais idade, insistia que eram 28 anos mesmo. Ele estava sozinho, aproveitei para perguntar se eu poderia me sentar ali e se poderíamos conversar. Luís, que estava no Brasil há três anos, aprendeu a falar português e, nesse primeiro contato, não pude prever o quanto essa habilidade seria útil, pois, durante todo o período que sequenciou, ele foi meu intérprete e tradutor para compreensão dos que falavam apenas francês e a língua crioula, idiomas falados no Haiti.

A vida de Luís no Haiti ficou bastante complicada após o terremoto de 2010, então ele juntou suas possibilidades e decidiu, em acordo com sua noiva, vir para o Brasil. Em seus planos, aqui estaria o emprego desejado, a consagração do casamento e a conquista de uma nova vida. Devido à falta de dinheiro e desentendimentos com sua família e noiva, ele passou a maior parte do tempo sem contato com ele.

A trajetória dos haitianos que vêm para o Brasil costuma ser árdua. Na maioria dos casos, eles se deslocam por via terrestre e essa travessia entre Haiti e Brasil é especialmente dura, conforme relatos dos próprios haitianos, em dados disponíveis no departamento acadêmico da instituição. Nesses documentos é possível observar que as mulheres são as

que mais estão expostas à violência de gênero, como abusos sexuais. Esses documentos também revelam que os homens são maioria. Geralmente, eles chegam antes para depois virem suas esposas e filhos.

No caso de Luís, a vinda de sua noiva nem chegou a acontecer, já que o relacionamento terminou antes mesmo dela chegar ao Brasil. Segundo ele, as dificuldades que encontrou aqui fizeram com que ela desistisse de vir para cá.

Entre os diversos percalços encontrados aqui, está o de regularizar sua situação migratória. Sendo que são poucos os refugiados que chegam com o visto migratório. No caso dos haitianos, há um acordo entre o Comitê Nacional para Refugiados (Conare) e o Conselho Nacional das Migrações (CNIg) para analisar os pedidos e garantir suas permanências. Porém, esse processo pode demorar bastante tempo, e muitos desses pedidos se perdem em burocracias entre as duas instituições. A burocracia dos processos legais de permanência, muitas vezes, acaba por fragmentar grupos familiares ou inviabilizar sua permanência legal no país.

No período seguinte, ainda sem contato com a família, ainda mais por ele não possuir nenhum aparelho de celular, e sem a noiva, aceitou o convite de um amigo, também imigrante, para trabalhar como pedreiro na cidade de Uberaba, interior de Minas Gerais. Segundo ele, logo no início de sua chegada ao Brasil, era mais fácil encontrar trabalho, ainda que fora da sua área de experiência. No Haiti, ele morava na zona rural, lugar onde a paisagem e os compromissos eram bem diferentes da realidade encontrada aqui. “Eu mexia com arroz e feijão na roça. Muita coisa eu sabia, muita, muita! ”.

Há dois anos desempregado, os objetivos mudaram. Os próprios refugiados sentiram os impactos da crise econômica e política que o Brasil enfrenta. Para eles ficou ainda mais difícil. As ofertas de trabalho que encontraram aqui logo que chegaram, devido aos grandes eventos como Copa do Mundo e Olimpíadas, nos quais a mão de obra de alguns fora absorvida pela construção civil, sofreu forte freada a partir dos primeiros indícios de retração econômica. Diante da situação desfavorável, cabe um longo período de espera e incertezas.

Por não ter muitos conhecimentos, Luís acaba ficando em desvantagem. Mesmo em relação aos demais entrevistados, ele não sabia ler, nem em português, francês e crioulo. Também não conseguia transitar pela cidade para procurar outras possibilidades de trabalho, ficando na dependência das ofertas que as assistentes sociais angariam.

Perguntei se essa situação o entristecia e ele respondeu “Fico triste, desanimado não”. Ele disse que o Brasil é um bom lugar, mas que não acha que os brasileiros sejam alegres, conforme ouvia falar quando ainda estava no Haiti. Durante todo o tempo que mora aqui, jamais fez um amigo brasileiro. Quando ele respondeu que não havia feito nenhuma amizade com brasileiros, pensei “em quatro anos? E ainda assim acha que somos amigáveis”. Passei então a tentar entender o que de fato do comportamento brasileiro transmitia essa impressão.

Pensando nisso, fui até uma das mulheres, das poucas que frequentavam o entorno, para perguntar se fazia tempo que conhecia Chala. E ela, que não havia aceitado dar entrevista, e que falava comigo com muita generosidade, disse que ele estava com problemas psicológicos, inclusive que estava fazendo acompanhamento psicológico na instituição. Disse que o motivo era o distanciamento da família. A perda de contato havia desnortado o rapaz, que a essa altura estava precisando de ajuda. Na sequência, ela comentou que em poucos dias ele voltaria para o Haiti. Eu não quis acreditar. Por que razão ele não havia dito isso durante nossas conversas? Por que teria ocultado um fato tão importante?

Fiquei sem coragem de confirmar a informação, pois, a essa altura, ele que era extremamente tímido, já estava mais falante, aparentava estar mais animado. E eu não soube entender se era pelo fato de ter conseguido uma amiga para conversar ou se era porque estava com data marcada para voltar.

Foi então, na próxima visita, na qual eu, ele e mais dois colegas estávamos em frente ao portão, quando a mulher que havia me contado sobre seu retorno, disse “Luís já contou a sua amiga sobre a viagem?”. Ele riu sem graça, olhou para mim com semblante de quem sabia que eu sabia, e

realmente, nem eu soube disfarçar. E respondeu: “Não, não disse... Mas eu vou voltar”. Questionei o motivo de sua ida, e ele respondeu que estava doente. Pensei, então, que deveria estar com algum tipo de depressão, ou transtornos semelhantes.

Não poderia mensurar sua dor, sua decepção. Ali, sozinho, desprovido de qualquer autonomia, carente dos seus, calado. Refleti o quanto deve ser massacrante para essas pessoas essas questões emocionais, o quanto devem castigá-los; e o quanto somos frios na acolhida, o quanto economizamos envolvimento, o quanto tratamos com descaso a situação alheia.

A ilusão do país acolhedor

O Brasil é o segundo país que possui maior quantidade de negros fora da África, sendo que o maior contingente é na Nigéria. Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os negros representam 53,6% da população nacional. Ou seja, pouco mais da metade da população brasileira. São também os mais vitimados pela violência. De acordo com a última pesquisa realizada em 2014 e publicada em 2016 pela ONG Mapa da Violência, os casos de negros mortos por homicídio aumentou 46,9% no comparativo entre os anos de 2003 e 2014. Isto é, estão mais vulneráveis, ganham menos, por conta do racismo institucional, entre outros aspectos, que indicam desvantagens atreladas ao preconceito.

Incluí esse assunto nas entrevistas com o propósito de saber como eles enxergavam essa questão, se tinham sofrido alguma reação preconceituosa, até mesmo se notavam o racismo no Brasil.

Bangala Paca

Quando conheci o Bangala, ou melhor, Rossy, apelido e como gosta de ser chamado, jamais imaginei que aquele homem de presença confiante, impecável na roupa e cabelo caprichado estilo *hip-hop*, gostaria de sertanejo. Pois ele gosta, e muito. Fã absoluto da dupla da vez “Simone e Simara”. Perguntei desde quando se interessava pelo sertanejo brasileiro, e ele respondeu: “Na África, Zezé de Camargo e Luciano fazem muito sucesso, e eu gosto das músicas românticas, é disso que eu gosto”. Eu e Luís, que estava sempre por perto, rimos da declaração.

No Brasil desde 2010, Rossy, deixou a República Democrática do Congo por motivos que, como disse ele, “olha no Google, e você vai ver o que acontece no meu país”. Ele também veio sozinho, mas ainda mantinha contato com seus familiares. Deixou três filhas e a esposa, da qual se separou meses mais tarde da chegada ao Brasil. Outro casal desfeito pelas dificuldades da travessia.

Em 2012, Rossy conheceu uma haitiana na cidade de Campinas, lugar onde estava trabalhando como pedreiro, os dois começaram a namorar e em pouco tempo foram morar juntos. “Era mais barato”. Desde então, ele se dividia entre a capital e Campinas. Ia para lá aos finais de semana, quando conseguia dinheiro de algum bico durante a semana. Caso contrário, só se comunicava com a namorada por telefone. E é pelo aparelho que ele me mostrou fotos da filha do casal, a Amanda.

Era incrível a segurança e a tranquilidade que ele transmitia. Durante nossa conversa, perguntei se ele estava empregado, e a resposta foi negativa, mas não menos esperançosa: “Eu e minha esposa estamos desempregados, mas eu tenho meus planos”.

Nos planos de Rossy estavam as ideias de conseguir, por meios legais, um passaporte brasileiro para viajar até Miami, comprar perfumes e roupas de grife e revender aqui. Seu talento, ele afirma sem modéstia, é vender “Sou bom nisso”. E ninguém duvida. Sem dúvida é uma das pessoas mais

confiantes que conheci. É difícil acreditar que mesmo após tantos desafios e portas na cara ele conseguia se manter otimista. Elogiei sua postura e de forma meio desconcertada disse que certamente as coisas iriam melhorar. Foi aí que ele soltou uma frase que até hoje me faz refletir: “O brasileiro não sabe sofrer”. Disse com sabedoria. Essa afirmativa, certamente, fala muito sobre nosso perfil. Perguntei o que havia dado essa impressão, e ele respondeu dizendo que, no Congo, as pessoas aprendem desde cedo a sofrer, e que não se rebelam por isso, que mesmo que sejam prejudicados por alguém, não desejam vingança, não desejam matar por isso. Na visão dele, nós, brasileiros, reclamamos de tudo e pouco fazemos. Se passamos por uma decepção recorremos à bebida ou às drogas por não tolerarmos descontentamentos.

Aproveitei a observação para saber dele se achava que éramos preconceituosos com os negros.

– Deixa eu pensar. Eu pensava que os brasileiros eram racistas, mas não são, não.

– Você acha que nós não somos racistas?

– Não, não. E é por isso que eu tenho vontade de ficar aqui, comprar uma casa.... Construir minha vida aqui para sempre.

– Então qual é o nosso defeito? Você não nos acha violentos?

– Não são todos. Brasileiro não aguenta decepção. Eu nunca vou provocar, eu nunca vou chegar a essa situação de provocar um brasileiro.

Não sei dizer se ele teve sorte ou se não havia percebido o racismo brasileiro. Talvez o critério que tenha usado era o de comparação. Realmente a situação do Congo é de guerrilha, de pobreza e doenças. O país, comandado pelo presidente Joseph Kabila, que mesmo após o término de seu mandato, no final de 2016, se nega a sair do poder, gerando uma série de protestos violentos no país, manifestações que são combatidas de forma hostil. São dezenas de civis mortos pelo exército congolês. A violência generalizada dificulta até mesmo o socorro. Em março deste ano, dois convocados da ONU foram mortos no país. Talvez Bangala tenha sua razão.



Figura 1 - Identidade brasileira de Bangala.

“Para cada problema africano, existe uma solução brasileira”

O dono da frase é Calestous Juma, pesquisador queniano, nomeado um dos mais influentes africanos por três anos consecutivos pela revista *New African*. É Professor da Prática de Desenvolvimento Internacional e Professor da Faculdade do Programa Executivo de Inovação para Desenvolvimento Econômico da *Harvard Kennedy School*. Será? Recorri a essa frase para provocar a reflexão quanto a imagem que o Brasil transmite internacionalmente. Não apenas no contexto econômico, como é o caso da frase dada pelo pesquisador, que atua na área de tecnologia e inovações agrícolas na África, mas como isso reflete no imaginário social das pessoas, contaminado por essa ideia de que no Brasil tudo se resolve com a prática da boa vizinhança.

Essa lógica, embora falsa, é absorvida quase que de forma inconsciente por pessoas que migram para cá para resolverem seus

problemas. De fato, aqui não há guerra declarada, mas há dados de mortes, violências e abusos de direitos humanos comparáveis, senão superiores aos dos locais em guerra.

Ser refugiado negro no Brasil

Hall (2003) descreve, ao relatar sua análise sobre a migração caribenha para a Grã-Bretanha, o entendimento sobre a questão do afastamento da terra natal, dos enfrentamentos culturais pelo fato de que “todos que estão aqui pertencem originalmente a outro lugar”. Esse fato influi profundamente na dificuldade de adaptação, dado ainda ao acréscimo das dificuldades encontradas nesse processo de estabelecimento. Hall fala do “não lugar”, do não pertencimento. Tal comportamento é exemplificado na fala de cada um dos entrevistados, que, ao tentarem se estabelecer como haitianos no Brasil, sofrem com a falta de entrosamento.

Um exemplo de “não lugar” é a própria localização da casa Missão Paz, rua do Glicério, 225. Embora haja toda dedicação para atender as demandas dos refugiados, está na periferia, onde nem o localizador do Google reconhece, ou seja, essas pessoas ficam as margens da sociedade, estão invisíveis da legitimação.



Figura 2 - Do lado de fora, do outro lado da rua do Glicério, homens improvisam tabuleiro de damas.

Ser refugiado no Brasil é estar invisível; é ter que exercitar a habilidade de colocar-se por baixo; é ter um diploma e aceitar um trabalho que não tenha nenhum desafio intelectual; é ter um nome e ser conhecido apenas como Refugiado; é viver uma saga que parece não ter fim. Esses apátridas parecem estar sempre aquém, longe do lugar que os acolha seguramente, conforme conceitua Bauman, ao explicar o sentido do tempo “longe”.

“Longe”, por outro lado, é um espaço que se penetra apenas ocasionalmente ou nunca, no qual as coisas que acontecem não podem ser previstas ou compreendidas e diante das quais não se saberia como reagir: um espaço que contém coisas sobre as quais pouco se sabe, das quais pouco se espera e de que não nos sentimos obrigados a cuidar. Encontrar-se num espaço “longínquo” é uma experiência enervante; aventurar-se para “longe” significa estar além do próprio alcance, deslocado, fora do próprio elemento, atraindo problemas e temendo o perigo. (BAUMAN, 2001, p.16)

Nesse sentido, o sociólogo polonês nos convoca a refletir as facetas e as consequências daqueles que se propõem a se aventurar a ir mais longe. Distanciar-se é, também, se arriscar nesse sentido.

Rossy usou o exemplo do seu perfil do Facebook para dizer “só tenho coisa de brasileiro”. O que ele não sabe é que torcer para o São Paulo e gostar das músicas que estão fazendo sucesso na rádio não tornará sua aceitação mais fácil, e que dentro da perspectiva do Hall, sua vontade de pertencer não influi determinadamente na aceitação do outro. Infelizmente, caro Rossy.

O amigo do Luís e Renel Mathurin

Resolvi contar as histórias desses dois personagens de forma conjunta pela circunstância e porque ambos tiveram sua chegada em período e forma semelhantes.

Fritz Joubert, o amigo do Luís, assim ele se referia a mim quando gentilmente usava seus créditos de celular para me ligar a pedido do Luís: “Aqui é o amigo do Luís”, e passava a ligação.

Joubert é, sem sombra de dúvida, a pessoa mais gentil que conheci. Um moço forte e elegante, bem vestido, estava sempre de paletó, com sua pasta embaixo do braço. Havia pouco tempo que chegara ao Brasil, coisa de seis meses. Veio do Haiti, assim como os demais, em busca de trabalho, sem muita sorte, nada havia, até então, encontrado. Estava em busca de conseguir uma vaga como auxiliar de escritório, algo que se aproximava à antiga função desempenhada no Haiti, auxiliar técnico de dentista.

Fritz e Renel acabaram ficando amigos do Luís por conta das nossas tardes de conversa. Renel também havia chegado havia pouco tempo, ambos mal falavam português, ainda estavam nas primeiras fases de aulas. Luís era o intérprete paciente. Mesmo eu entendendo muito pouco do Francês e do crioulo que eles falavam a conversa era longa. Ríamos como se tudo fosse compreendido. Algumas palavras do crioulo lembram palavras do espanhol, então, eu pedia para que falassem em espanhol o que conseguissem, pouco adiantava, a frase começava em espanhol e terminava em francês.

Renel era mais velho, também forte, aparência que adquiriu trabalhando duro nos setores rurais da construção em seu país, não possuía diploma e estava disposto a conseguir um trabalho como pedreiro, embora garantisse que poderia fazer qualquer coisa.

A proximidade entre os três haitianos surtiu, em pouco tempo, considerável mudança na postura de Luís. Para ele fez muito bem ter encontrado conterrâneos atenciosos e dispostos a ajudar. Foi notável a atitude solidária de ambos, ao saber que Luís estava com problemas psicológicos. Comportamento que demonstra entender o que se passa com o outro, é se colocar “na pele”. A maior lição colhida, durante todo o período de convívio com eles, foi a da solidariedade.

Luís, Bangala, Fritz e Renel, quatro homens que poderiam ter um futuro melhor. A vinda de refugiados para o Brasil tende a não cessar, mas será que o país está disposto a fazer jus da sua fama de acolhedor?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt (2001). **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ELIAS, N., SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **A questão multicultural**. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **A análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS. Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Salvador: Edufba, 2005.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo**. 2016. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 12/04/2017.

Webgrafia

ACNUR. **Agência da ONU para Refugiados**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/>>. Acesso em: 22/02/2017.

ANEXOS

Luis Chala

AC - O que te vem na memória, quando você ouviu falar do Brasil?

LC – Foi depois do terremoto. Eu vim para buscar trabalho. Eu pensava muita coisa, pensava que aqui era muito bonito. Eu estive em Uberaba/MG, mas aqui é mais bonito que Uberaba.

AC – Por que você deixou o Haiti?

LC – Eu vim aqui para trabalhar, no Haiti não tem serviço.

AC – E o que você fazia lá?

LC – Eu mexia com arroz, feijão na roça. Muita coisa eu sabia, muita, muita! Mas eu vim para trabalhar em construção, porque eu sou um servente.

AC – Quem te disse que no Brasil teria emprego?

LC – Por que minha mulher falou que era pra eu vir, para casar comigo.

AC – E onde está sua mulher?

LC – Não sei se ela está no Haiti, ela não sabe conversar... E eu tive muitos problemas aqui. Eu não sei nada da minha família, perdi o contato.

Eu cheguei aqui em São Paulo a noite, eu tenho um amigo que me trouxe aqui para morar, depois conversando com ele eu fui para Uberada/MG. Mas a coisa está complicada, está ruim agora, ante seu achava serviço rapidinho. Fazem dois anos que eu não trabalho.

AC – E como você definiria os brasileiros?

LC - As pessoas aqui são muito boas comigo.

AC – Você acha que os brasileiros são alegres?

LC – Não, não. Alegre não. Depois que eu vim pra cá eu não fiz amigos. Eu penso em ir embora do Brasil, pra eu voltar para o Haiti. Se eu pudesse eu iri apara Miami, porque lá é mais fácil para conseguir trabalho par ater as coisas, tem um carro. É mais fácil, é mais bonito.

AC – Você acha que as coisas poderiam ser diferentes também?

LC – Se você acha trabalho, aqui seria bom também, aqui é um país grande. Eu nem saio muito, porque eu não sei muita coisa.

Bangala Paca

AC – Qual a sua primeira lembrança sobre o Brasil?

B – Eu gostava do Brasil, desde a África. Eu gosto muito do futebol. Quando cheguei aqui me acolheram também. Gostei muito. Brasil é tipo uma mãe, tipo uma mãe mesmo. Quando cheguei aqui não passei mal não, me receberam. Me deram o que precisava, depois eu consegui um emprego. E eu tenho vontade de ficar aqui para sempre, e trazer o restante da família para cá.

AC – e o que você imaginava encontrar aqui?

B – Só futebol. Eu gostava muito do Ronaldo, os dois. Eu sou africano, sou do Congo. Se Congo jogar contra o Brasil eu torço pro Brasil. Eu tenho uma conta no facebook, e só tenho coisas de brasileiro. Eu gosto.

AC – E por que você deixou o seu país?

B – Meu país tem muita guerra. Se você entrar no google você verá, aqui está acontecendo também muita coisa, mas lá... Está difícil.

AC – Sua família ficou lá?

B – A minha mãe, minhas irmãs e meu filho está lá também. De outra esposa. Eu mantenho contato com eles.

AC – E o Brasil condiz com aquilo que você imaginou encontrar aqui?

B – Eu imaginei encontrar só paz aqui, para construir minha vida diferente de lá.

AC - E o que você gosta da nossa cultura?

B – Eu na África, já gostava das músicas, as românticas... Zezé de Camargo e Luciano, gostava muito. Romântica só. As músicas daqui que os africanos gostam são as românticas. Agora eu gosto das duas irmãs que cantam.

AC – O que aconteceu aqui de diferente que você imaginou?

B – Deixa eu pensar. Eu pensava que os brasileiros eram racistas, mas não são não.

AC – Você acha que nós não somos racistas?

B - Não, não. E é por isso que eu tenho vontade de ficar aqui, comprar uma casa... Construir minha vida aqui para sempre.

AC – Então qual é o nosso defeito?

B _ Defeito, hum... Nós na África é assim, eu posso até brigar com uma pessoa, mas não penso em matar. Mas aqui a mesma coisa tem que matar.

AC – Você nos acha violentos?

B – Não são todos. Brasileiro não aguenta decepção. Eu nunca vou provocar, eu nunca vou chegar a essa situação de provocar brasileiro.

AC – Você conseguiu regularizar seus documentos?

B – Sim, tenho um filho brasileiro, tenho os documentos.

AC – Como seria a vida perfeita aqui no Brasil?

B – Trabalhar, ganhar dinheiro, é tudo na vida. Conquistar.

Renel Mathurin

AC - Porque escolheu o Brasil?

Eu vim aqui para buscar uma vida melhor, mas agora eu tenho muitos problemas. Busco trabalhar, um emprego. Mas não tem um lugar pra mim.

Eu tenho que alugar uma casa e não posso pagar. E ainda tenho que conseguir dinheiro para pagar a casa para minha família que está no Haiti. Em dez meses, nunca consegui um trabalho para me pagar. Como viver? Para comer, para pagar o aluguel da casa... E tenho dois meses atrasados para pagar.

Pedi ao meu irmão, um dinheiro para pagar o alugue.

AC – O que você acha dos brasileiros?

RM – Qualquer país tem gente boa e ruim. Tem que ir caminhando, conhecendo. É feio quando você caminha e te olham de lado, é feio, muito ruim.

AC - O que você gosta aqui do Brasil?

RM – Futebol, todo dia eu poderia ver o futebol. O Ronaldo, o Ronaldinho. Há muitos bons jogadores.

AC – Torce para qual time daqui?

RM – São Paulo! Mas tem muita gente brigando.

AC - O que você pensava, ainda lá no Haiti, que encontraria aqui, o que você achou que seria o Brasil?

RM – Eu sempre achei um país muito bonito. Com muitos edifícios, carros, e isso para mim era como riqueza. No Haiti tem carros também. Muitas mulheres também, muito bonitas. As músicas daqui eu não gosto, as músicas no Haiti são muito bonitas. Eu praticava música na igreja, sobre o Criador, não há nada melhor.

AC – Já conseguiu regularizar seus documentos?

RM – Sim, eu tenho todos.

AC – Você quem ficar no Brasil?

RM – Quero morar aqui. Mas se não tem trabalho? Eu pedirei para minha família me mandar um dinheiro.